

O jornalismo como disciplina científica

Renato Levi
TV Cultura - Fundação Padre Anchieta
São Paulo

Introdução

O homem se utiliza da comunicação não só para a sobrevivência e a perpetuação da espécie mas “porque aspira modificar o curso de sua própria existência e participar ativamente da própria evolução biológica e cultural”¹. Como um “ser comunicante” o homem produz e consome informação. O jornalismo é a materialização sistemática e industrial desta necessidade humana nas sociedades modernas. Segundo a definição de Otto Groth, são características do jornalismo: periodicidade, universalidade, atualidade e difusão². A atualidade decorre justamente da “necessidade social de conhecer os acontecimentos do mundo, para uma utilização prática na formação de uma opinião ou a decisão de uma ação adequada”³. A universalidade se dá na “sintonia com os desejos e as reações da coletividade”⁴.

Não é coincidência que o jornalismo teve suas primeiras manifestações no período em que a Europa começa a organizar-se em cidades num contexto de adensamento populacional. Desenvolveu-se de maneira definitiva com a queda do absolutismo e a ascensão da burguesia. A livre iniciativa e a competição tornam a informação uma mercadoria valiosa, “um bem social, um indicador econômico, um instrumento político”⁵.

O jornalismo teve em princípio um desenvolvimento prático mas com a importância e influência cada vez mais despertou os interesses da academia. Os primeiros cursos surgem na Alemanha ainda no século XIX e se desenvolvem, de fato, desde o início do século XX na Europa e nos EUA. Desde o início dos estudos jornalísticos, diversas linhas de pensamento apareceram: uma corrente afirma que o conhecimento deve evoluir a partir da prática profissional das redações. Outros defendem que a estruturação de um novo campo de estudos, uma nova disciplina científica, deve ser desenvolvida na academia. Há ainda

¹ Beltrão, Luiz, Informação, Gregarismo, Comunicação in comunicação e sociedade Acad. Nac. de Pol. 1968. Citado por Marques de Melo in Comunicação Social: Teoria e Pesquisa, Vozes 1971 Cap.2

² Faus Belau, Angel, La Ciencia Periodística de Otto Groth, Univ. de Navarra 1966.

³ Clause, Roger, Sociologia de la Información, CIESPAL, 1963,11

⁴ Marques de Melo, José, A Opinião no Jornalismo Brasileiro, Vozes, 1985:11

⁵ Marques de Melo, José, A Opinião no Jornalismo Brasileiro, Vozes, 1985:11

aqueles que consideram que o jornalismo não pode ser compreendido pela ótica científica porque apesar de ambos “serem formas sociais de conhecimento, desenvolveram lógicas próprias e metodologias específicas. A ciência é o modo de conhecimento do mundo explicável, enquanto que o jornalismo é o modo de conhecimento do sensível”⁶.

Ciência e Jornalismo

O conhecimento humano se dá por meio da percepção e comunicação dos fatos. A ciência é definida como um conhecimento organizado, desenvolvido a partir da observação. “Cada ciência possui um método de trabalho específico mas a metodologia científica é similar”⁷: Identificar um objeto, observar os fenômenos, quantificá-los, relacioná-los e promover experiências para testar a autenticidade do que foi proposto. Disciplina científica é uma matéria que se utiliza do instrumental das ciências para desenvolver as suas investigações. Porém, tratar um objeto de maneira científica não é necessariamente estar fazendo dele uma ciência.

A ciência, a despeito de trabalhar com diversos ramos do saber e estar na vanguarda do conhecimento tem um viés conservador. “A ciência costuma negar o conhecimento novo, resistir a ele e depois absorvê-lo como se sempre tivesse feito parte dela”⁸. As ciências clássicas e tradicionais são ligadas às áreas das exatas e biológicas. Estas foram as primeiras ciências a se desenvolver, elas isolaram seus objetos da natureza para estudá-los em profundidade. Esta postura provocou uma compartimentalização da realidade e uma conseqüente especialização do cientista. A par dos enormes progressos alcançados (leis, teorias e consensos) a ciência tradicional começou a enfrentar problemas, principalmente na interpretação de sistemas mais complexos que envolvem simultaneamente diversos aspectos disciplinares. Além disso as ciências clássicas se baseavam em conhecimentos que após sua comprovação, seriam universais e imutáveis. Portanto, evoluiu tentando alcançar “verdades definitivas”.

A comunicação e o jornalismo estão ligados às ciências humanas, sociais e as artes, campos do conhecimento que não alcançaram status científico nos meios acadêmicos mais tradicionais. As ciências humanas estudam o homem, as sociedades e suas manifestações, objetos complexos que estão sempre em transformação. Além da perspectiva histórica, as ciências sociais estão impregnadas da ideologia, seja ela consciente ou não, do pesquisador. A neutralidade e isenção do cientista perante o objeto de estudo (que era tido como quesito básico nas ciências clássicas) não faz sentido no caso das ciências humanas.

O marxismo e a psicanálise, por exemplo, onde a ótica do pesquisador é fundamental, se referem, respectivamente, à luta de classes e ao inconsciente (paradigmas que são constantemente questionados). Entretanto estes paradig-

⁶ Meditsch, Eduardo, O Conhecimento do Jornalismo, UFSC, 1992

⁷ Kafel, Mieczyslaw, Teoria y Practica de la Prensa, CIESPAL, Quito, 1961

⁸ Meditsch, Eduardo, O Conhecimento do Jornalismo, UFSC, 1992

mas podem estudar um mesmo fato a partir de abordagens totalmente diferentes. Os novos paradigmas em pauta, ou seja os conceitos de inconsciente e de classe social, a interdisciplinaridade e a ótica do pesquisador, sugeridos pelas ciências humanas, começam a contaminar as outras ciências e surge uma série de novas abordagens nas antigas fronteiras e ligadas ao contexto cultural.

O jornalismo, por sua vez, enquanto pertencente ao campo das ciências humanas, é um objeto mutante, que “se nutre do efêmero, do provisório, do circunstancial”⁹. Além disso, “a rapidez dos fenômenos e a multiplicidade de aspectos concernentes ao jornalismo impossibilitariam uma observação científica que necessita de conhecimento histórico, leis objetivas e generalizações”¹⁰. Os acadêmicos tem dificuldade de acompanhar estas mudanças e o que predomina nos estudos jornalísticos é justamente o seu descompasso em relação à realidade prática.

Quando se estuda jornalismo surgem duas correntes antagônicas: “Nas escolas há dois tipos de profissionais. Os práticos que repetem o que aprenderam nas redações enfatizando técnicas e formas sem penetrar no conteúdo, e os teóricos, que repetem conceitos que aprenderam nas diversas disciplinas científicas”¹¹. Nenhuma das duas correntes parece esgotar o assunto, pelo contrário, o que se verifica nas faculdades de jornalismo é uma espécie de falência. Os cursos não parecem capazes de formar um profissional apto a enfrentar o mercado de trabalho e, por outro lado, a teoria produzida na academia não seduz os profissionais no cotidiano de uma redação.

O desenvolvimento dos estudos jornalísticos na América Latina e especialmente no Brasil, é recente (50 anos) se comparado ao de outros centros de estudos (300 anos na Alemanha e 100 anos nos EUA). No Brasil, os primeiros cursos datam do começo do século, estimulados por preocupações éticas e políticas. Até a década de 60, o tipo de ensino era acadêmico e os cursos eram com “nítida predominância das matérias humanísticas e onde inexistiam, na prática, atividades de pesquisa e formação profissional”¹². “Ao criar, em 1961, o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, Luiz Beltrão iniciou praticamente a renovação do ensino de jornalismo no Brasil”¹³. Este curso contava com a formação prática e teórica, além de grupos de pesquisa.

Em 1959 é fundado o CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina) em Quito no Equador. Este Instituto é fomentado pela UNESCO sob influência dos EUA (época da Guerra Fria). “O ensino das ciências sociais e humanidades assume uma tendência “modernizante”, apolítica e técnica. Proliferou daí o chamado “jornalismo comparado” com status de verdadeira ciência, que quantificava palavras e colunas. Com estas ferramentas e a teoria da informação procurava superar

⁹ Marques de Melo, José, *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*, Vozes, 1985:7

¹⁰ Kafel, Mieczyslaw, *Teoria y Practica de la Prensa*, CIESPAL, Quito, 1961

¹¹ Meditsch, Eduardo, *O Conhecimento do Jornalismo*, UFSC, 1992

¹² Marques de Melo, José, *Estudos de Jornalismo Comparado*, Perspectiva 1972:51

¹³ Idem, pag. 50.

¹⁴ Kelly, Celso, *As Novas Dimensões do Jornalismo*, Agir, 1966. Citado por Meditsch, Eduardo, *Comunicación y Sociedad*, num. 13, Univ. de Guadalajara, 1991:13.

enfoques “filosóficos” e não “científicos”¹⁴. “As ciências exatas serviam de modelo para a “nova ciência” que preconizava quantificar os processos para lograr uma intervenção controlada sobre a realidade articulada e a racionalização do trabalho”¹⁵.

Como resultado dessa tendência, no Brasil, deu-se a integração dos antigos cursos de jornalismo em outros mais generalizantes como “comunicação social”, por exemplo. Além disso, a ditadura militar perseguiu, prendeu e expulsou os pensadores considerados subversivos, enfraquecendo e desmontando as universidades. Enquanto isso, os meios de comunicação de massa, notadamente a TV, se desenvolveram rapidamente aumentando ainda mais a distância entre a academia e o mercado de trabalho.

Nos últimos anos, esta tendência generalizante nos estudos de comunicação está sendo revertida com a volta dos cursos de jornalismo em nível superior e de pós-graduação. “Não se trata simplesmente de uma retomada dos antigos cursos, mas de estabelecer cursos especializados de e sobre jornalismo. A teoria deve estar apoiada na prática para não perder de vista seu objeto e mudar a perspectiva da profissão de técnica em tecnológica”¹⁶.

Utilizando um arsenal de técnicas científicas como a análise de conteúdo, o método comparativo, a observação participante, a estatística, etc., o estudioso do jornalismo tem condições de sistematizar suas descobertas e reduzir o nível de subjetividade. As intenções, objetivos e métodos do pesquisador devem ficar claros. Quando escolher categorias gerais (já utilizadas), o conhecimento será mais acessível. O consumidor de um trabalho científico precisa saber aonde o autor quis chegar e também por que meios, assim, ele terá uma informação mais completa, não só para uma leitura imediata, mas também para poderem ser utilizada como base para novos conhecimentos. Somente um conhecimento ágil e de fácil acesso poderá ser útil para a evolução das pesquisas em jornalismo. Os resultados de observações extensivas por exemplo, estão de tal forma ligados à perspectiva histórica da época que se está estudando e do momento em que é feita a pesquisa, que é fundamental a publicação e a difusão imediata dos resultados para que estes não percam sua atualidade.

O desenvolvimento do jornalismo enquanto disciplina científica tem que aproximar a academia do mercado de trabalho e, aproximar o profissional a uma prática científica do jornalismo. Ao mesmo tempo que a pesquisa em jornalismo se utiliza de técnicas desenvolvidas pelas ciências humanas, o fazer jornalismo deve se utilizar das ciências humanas para produzir informações mais fundamentadas. O trabalho prático do jornalista exige do profissional o domínio do assunto a ser tratado. É fundamental também que se leve em conta e, se identifique com o público alvo, com o editor, com o dono do veículo e com as fontes, não só em seus interesses imediatos como também numa perspectiva política e cultural. “O jornalismo não é simplesmente forma de conhecimento,

¹⁵ Camargo, Nelly, A Busca de uma Filosofia para o Ensino de Comunicação, Revista de Comunicação e Artes, num. 6, ECA/USP, 1971. Citado por Meditsch, Eduardo, Comunicación y Sociedad, num. 13, Univ. de Guadalajara, 1991:13.

¹⁶ Meditsch, Eduardo, Comunicación y Sociedad, num. 13, Univ. de Guadalajara, 1991:20.

¹⁷ Meditsch, Eduardo, O Conhecimento do Jornalismo, UFSC, 1992.